

See discussions, stats, and author profiles for this publication at: <https://www.researchgate.net/publication/335602149>

De Pavilhão das Indústrias a Pavilhão Carlos Lopes, in revista rossio – estudos de Lisboa, n.º 8, 2019, p. 142–153

Article · September 2019

CITATIONS

0

READS

16

2 authors, including:



[Alexandra de Carvalho Antunes](#)
University of Lisbon

101 PUBLICATIONS 10 CITATIONS

[SEE PROFILE](#)

Some of the authors of this publication are also working on these related projects:



Cais das Colunas and the Ancient River Quays of Lisbon, Portugal [View project](#)



REBUILD LISBON 1755 | Lisbon reconstruction after the great 1755 earthquake (1758-1800) [View project](#)

rossio

estudos de Lisboa



jun 2019



gabineteestudos olisiponenses

Diretor

Jorge Ramos de Carvalho

Coordenação Editorial

Manuel Fialho Silva

Conselho Editorial

Anabela Valente

Delminda Rijo

Elisabete Gama

Projeto Gráfico

João Rodrigues

Secretariado Executivo

Vanda Souto

Fotografias da capa, índice e separadores

João Rodrigues

(a partir de obras em exposição no MNAA)

Colaboradores neste número

CADERNO/ Hugo Miguel Crespo (editor convidado),

Maria João Pereira Coutinho, Pedro Flor, Susana Varela Flor, Sílvia

Ferreira, Mário Fortes, Luísa Borralho, Carolina Herculano

VARIA/ Maria João Matos, Margarida Valla, Delminda Rijo,

Fátima Aragonez, Alexandra de Carvalho Antunes,

Carolina Graça, Ricardo Ávila Ribeiro, Nuno Neto, Paulo Rebelo

Presidente da Câmara Municipal de Lisboa

Fernando Medina

Vereadora da Cultura

Catarina Vaz Pinto

Diretor Municipal de Cultura

Manuel Veiga

Diretor do Departamento de Património Cultural

Jorge Ramos de Carvalho

O conteúdo dos artigos é da responsabilidade dos autores.



**Delminda Rijo.
Fátima Aragonez**

O Bairro da Madragoa e a comunidade "Ovarina" no século XIX.

História e Memória.

9 Idealizar a Varina de Lisboa é entender os traços da comunidade da qual dimanou. Desde tempos remotos que há notícia que de toda a costa portuguesa pescadores, fragateiros e marinheiros aportavam sazonalmente nas praias e freguesias ribeirinhas de Lisboa, ricas em pescado. Maioritariamente de Estarreja, Murtosa e Ovar, foram chegando em vagas migratórias. Cedo preferiram o bairro da Madragoa, assumindo ares de comunidade na viragem dos anos cinquenta de Oitocentos. Chegando ao final do século, já as mulheres ovarinas, "as Varinas", ultrapassavam o meio milhar só no bairro da Madragoa.

Varina
Ciclo Migratório
Madragoa
População
Família

126

**Alexandra de
Carvalho Antunes.
Carolina Graça**

De Pavilhão das Indústrias a Pavilhão Carlos Lopes

O Pavilhão Carlos Lopes é um edifício emblemático da cidade de Lisboa, estando implantado no Parque Eduardo VII. Foi traçado como Pavilhão das Indústrias para a Grande Exposição Internacional no Rio de Janeiro, de 1922. Uma vez terminada a exposição, todo o conjunto foi desmontado e embarcado de regresso a Portugal. Voltou a ganhar corpo ao ser reconstruído, em 1932, enquanto Palácio de Exposições e Festas, na actual localização. O edifício foi encerrado em 2003, por razões de segurança. Em Fevereiro de 2017 foi reaberto, após intervenção de recuperação e remodelação visando a sua reutilização.

Pavilhão Carlos Lopes
Parque Eduardo VII
Reconstrução
Rebello de Andrade
Diogo Neff Sobral

142

ÍNDICE INTERVENÇÕES NA CIDADÃO

**Ricardo Ávila Ribeiro.
Nuno Neto.
Paulo Rebelo**

As mil e uma cidades de Lisboa nos antigos Armazéns Sommer

Debruçamo-nos aqui sobre a intervenção arqueológica levada a cabo no local conhecido como Armazéns Sommer, actual Hotel Eurostars Museum, que veio a revelar uma ocupação contínua da cidade de Lisboa desde o Neolítico até à actualidade, passando pela Idade do Ferro, Época Romana, Época Medieval Islâmica e Cristã e Época Moderna.

Lisboa
Muralha
Mosaico
Romano
Idade do Ferro

156

TABLE of CONTENTS *VARIA*

projects in the city

Maria João Matos

In Search for an Iconic Capital City. Moments of Transformation on Lisbon's Waterfront

The text consists on the analysis of three historic moments of urban transformation, generators of new symbolic and functional centers on Lisbon's waterfront, taking into account the political and urban development context when each of them took place. A relation of these with the current tendencies, concerning the regeneration of Lisbon's riverside spaces, is established.

Waterfront
Urban history
Urban policies
Urban renewal
Sustainable development

Margarida Valla

The Old Parish of St. João de Deus. The preexistences and the experimental urbanism of Duarte Pacheco

The urban territory of Lisbon and its expansion are structured by a network of old roads. Within the city wall that defined the new gates, such as the gate named Arco Cego, and new ring road constructed in 1852, established the southern boundary of the parish of S. João de Deus. The planning of this parish in the period of the Estado Novo, "New State", in Portugal, took into account the roads and the preexisting buildings and on the other hand was a field of experimentation for new urban design and architectural typologies.

Road
Town Planning
Neighbourhood
Architecture
Heritage

Delminda Rijo. Fátima Aragonez

The Madragoa and the community "Ovarina" in the nineteenth century. History and Memory.

Idealizing the Varina of Lisboa is to understand the features of the community from which she came. From immemorial time, it has been reported that fishermen, fishmongers and sailors from the entire portuguese coast came seasonally to the beaches and riverside parishes of Lisbon, rich in fish. Mostly from Estarreja, Murtoza and Ovar, were arriving in migratory waves. Early they preferred the Madragoa, assuming aspect of community at the turn of the fifties of Oitocentos. By the end of the century, ovarian women, "Varinas", had surpassed half a thousand in the neighborhood of Madragoa.

Varina
Migration Cycle
Madragoa
Population
Family

Alexandra de Carvalho Antunes. Carolina Graça

From Pavilhão das Indústrias to Pavilhão Carlos Lopes

The Carlos Lopes pavilion is an emblematic building of the city of Lisbon, located at Eduardo VII park. It was designed as Industries Pavilion to the 1922's Great International Exposition of Rio de Janeiro. After the exposition, the building was dismantled and boarded back to Portugal. In 1932, it was reconstructed at the present location as Palace of Exhibitions and Festivals. For safety reasons, in 2003, the building was closed. In February 2017 it was reopened, after a restoration and refurbishment intervention in order to its reuse.

Carlos Lopes pavilion
Eduardo VII park
Reconstruction
Rebello de Andrade
Diogo Neff Sobral

Ricardo Ávila Ribeiro. Nuno Neto. Paulo Rebelo

The one thousand and one cities of Lisbon in the old Sommer warehouses

This article refers to the archaeological excavation carried out at the place known as Armazéns Sommer, today Eurostars Museum Hotel, which came to reveal a continuous occupation of the city of Lisbon, from de Neolithic to the present day, passing through the Iron Age, the Roman Age, Medieval Period and Modern Period.

Lisbon
Wall
Mosaic
Roman
Iron Age



***De Pavilhão das Indústrias
a Pavilhão Carlos Lopes***

Alexandra de Carvalho Antunes
Carolina Graça

Siglas

ME/AH/BMOPTC - Ministério da Economia/Arquivo Histórico e Biblioteca do Ministério das Obras Públicas, Transportes e Comunicações
AML-AC - Arquivo Municipal de Lisboa- Arquivo do Arco do Cego
LNEC - Laboratório Nacional de Engenharia Civil
GEO - Gabinete de Estudos Olisiponenses

INTRODUÇÃO

O Pavilhão Carlos Lopes (imagem 2) é um emblemático edifício da cidade de Lisboa, implantado no Parque Eduardo VII. O presente artigo visa dar a conhecer detalhes da construção do pavilhão, então designado Pavilhão das Indústrias e destinado à Exposição Internacional do Centenário da Independência do Brasil (1822), no Rio de Janeiro, em 1922, mais conhecida por Grande Exposição Internacional do Rio de Janeiro; bem como da sua reconstrução, em Lisboa, para a Grande Exposição Industrial Portuguesa de 1932, chamando-se então Palácio de Exposições e Festas.

Referem-se as várias designações e usos dados ao pavilhão desde então até se tornar, em 1984, Pavilhão Carlos Lopes. Aborda-se, ainda, o novo programa de intervenção para a remodelação do Pavilhão.

1

PAVILHÃO DAS INDÚSTRIAS (1922).

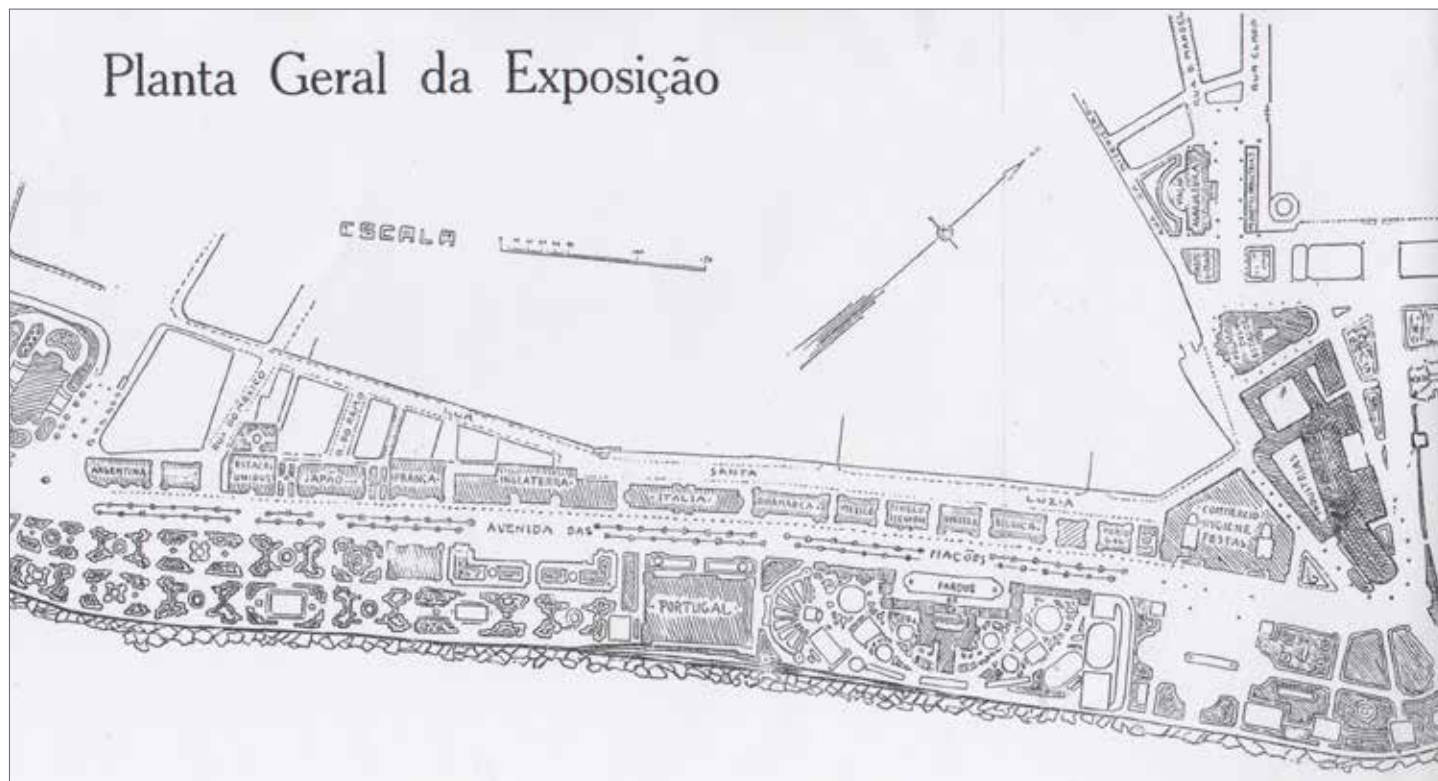
PROJECTO, MATERIAIS E DETALHES CONSTRUTIVOS

1.1

Génesis do Pavilhão das Indústrias

O Pavilhão das Indústrias surgiu no âmbito da comemoração do primeiro centenário da independência do Brasil, celebrado com a Grande Exposição do Rio de Janeiro de 1922 – que decorreu entre 7 de Setembro de 1922 e 23 de Março de 1923. Portugal acordou com o governo brasileiro a sua participação na Grande Exposição, tendo como

1. Planta geral da exposição do Rio de Janeiro, em que se indicam os limites exteriores dos dois pavilhões de Portugal (Lima, 1924)



2. Alçado principal do Pavilhão Carlos Lopes, aquando da abertura



objectivo mostrar ao mundo a sua competitividade industrial, assim como o estado do seu progresso. Depois de diversa troca de correspondência entre os dois governos, para a escolha dos terrenos e das suas áreas de construção, foi decidido que Portugal seria representado por dois pavilhões, "um de honra, com a área de 452 metros quadrados e outro das Indústrias, com a área de 4000 metros quadrados" (Lima 1924, p. 2).

1.2

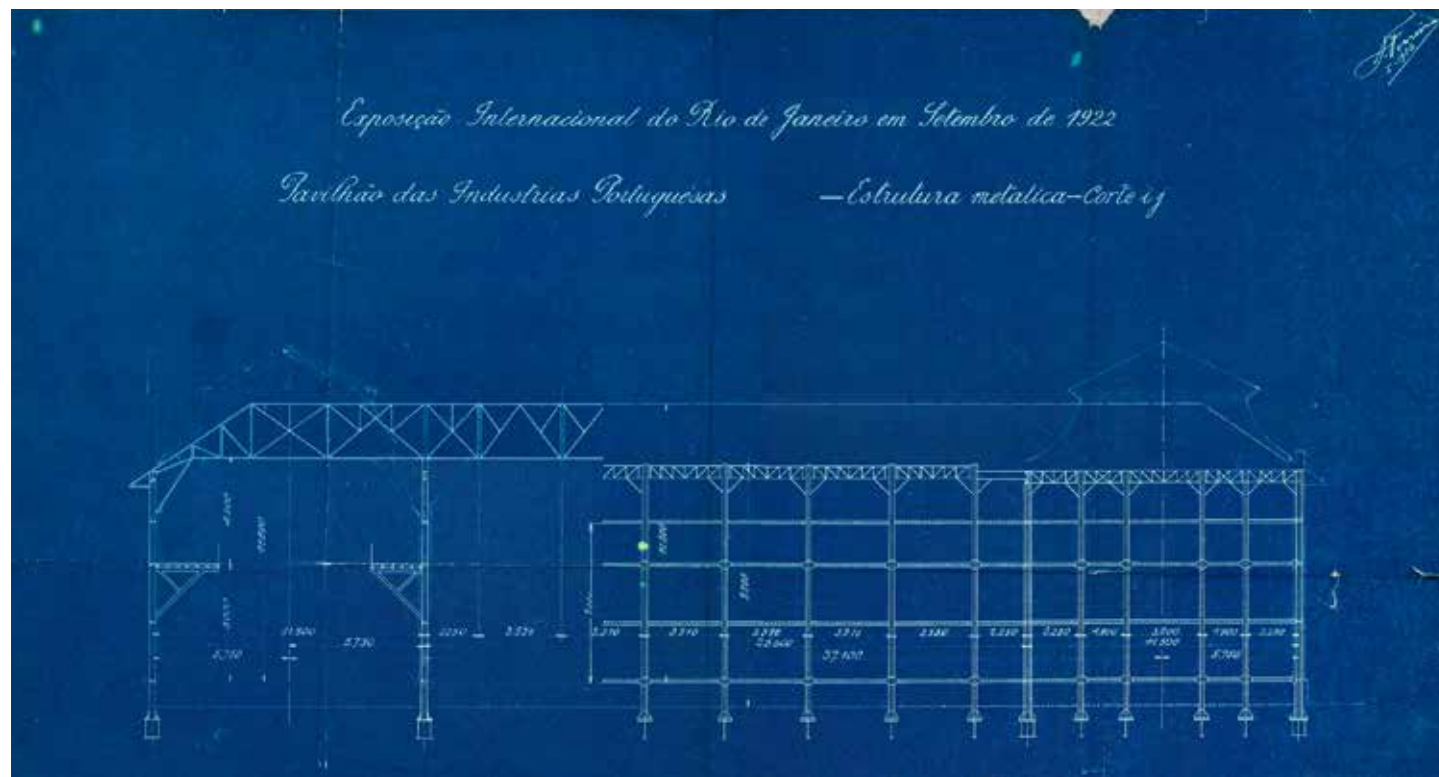
Projecto, materiais e detalhes construtivos

O Pavilhão das Indústrias exibiu os progressos da indústria portuguesa. Foi projectado pelos Arquitectos Carlos e Guilherme Rebelo de Andrade, acompanhados por Alfredo Assunção Santos - os técnicos seleccionados no concurso presidido por Adães Bermudes, presidente da

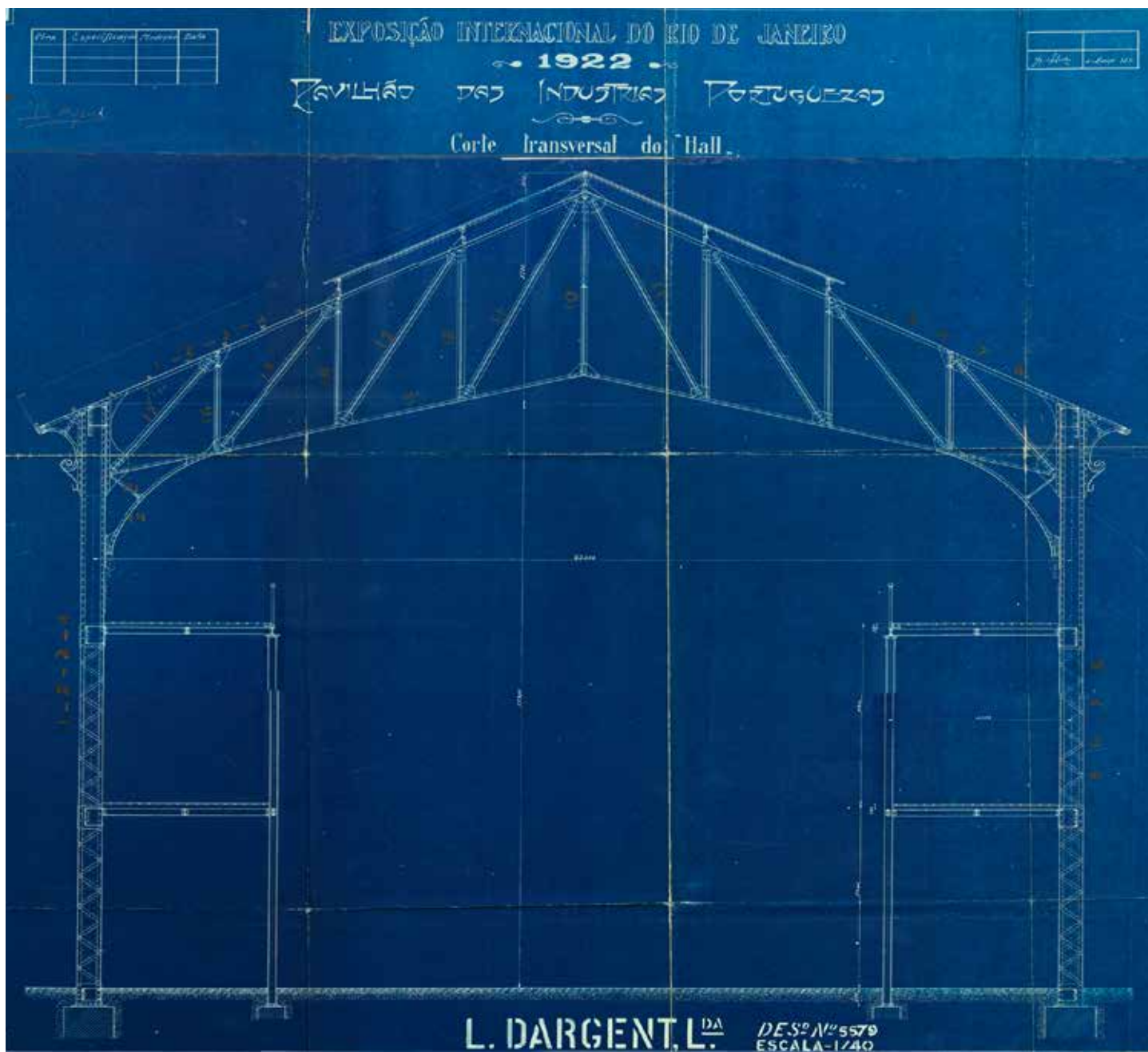
Associação dos Arquitectos Portugueses. A admissão de propostas a este concurso foi reservada a arquitectos portugueses que deveriam satisfazer as condições do caderno de encargos (Lima, 1924, p. 5).

De acordo com o Caderno de Encargos o "concurso para o projecto do pavilhão ou pavilhões para a representação do trabalho nacional" consistia na "elaboração de um projecto e orçamento com todos os detalhes indispensáveis para a construção de um pavilhão ou de pavilhões para a representação do trabalho nacional na Exposição do Rio de Janeiro em 1922" (ME/AH/BMOPTC, Comissariado Geral do Governo da Exposição Internacional do Rio de Janeiro 1921, p. 1). Salvaguardando que "o estilo das construções fica ao arbítrio dos concorrentes", o mesmo documento estabelece que, "no esqueleto geral da construção e na construção coberta deve, sendo possível, preferir-se à madeira o

3a. Corte transversal da estrutura metálica do Hall, assinado por J. Silva, 4 de Março 1922. (AML - AC) Referência: PT/AMLSB/CMLSB/UROB-PU/11/898 Folha: 2



3b. Corte transversal da estrutura metálica, assinado por A. Ferreira, 1922.
(AML - NAC) Referência: PT/AMLSB/CMLSB/UROB-PU/11/898 Folha: 101



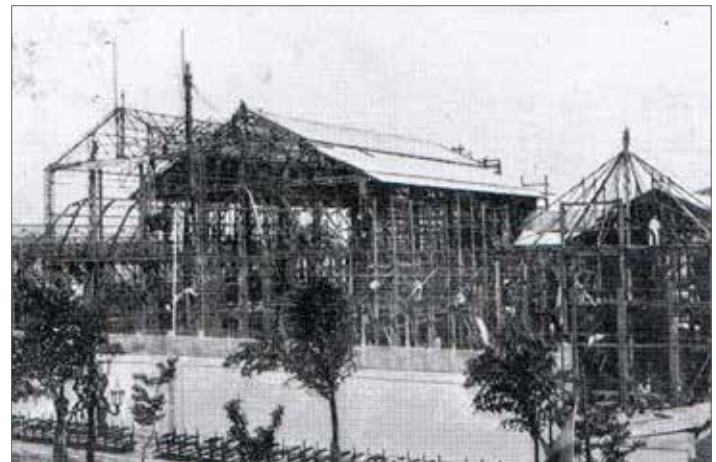
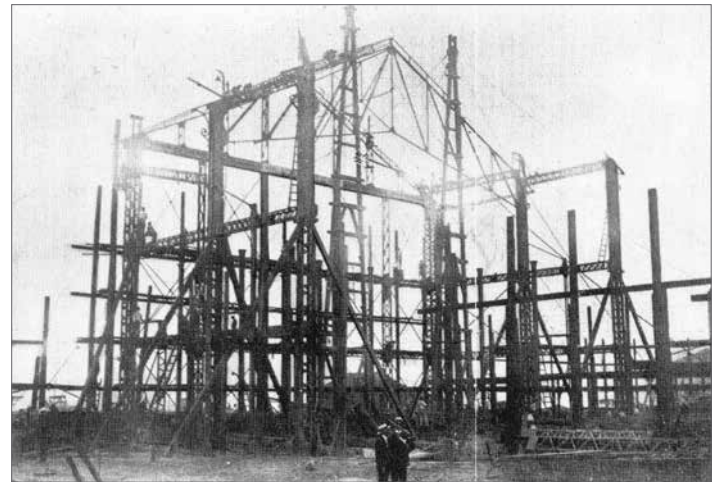
ferro e por forma a ser pratico e fácil o desmonte e futura utilização do pavilhão em outro local; isto é, deve ser fácil económica e rápida a sua montagem e desmontagem" (ME/AH/BMOPTC, Commissariado Geral do Governo da Exposição Internacional do Rio de Janeiro 1921, p. 1). As especificações relativas aos materiais salientavam que aqueles "a aplicar ao esqueleto do pavilhão para se constituírem os muros (...) devem ser igualmente escolhidos por forma a garantir a sua utilização quando o pavilhão venha a ser desmontado e novamente montado em outro local". O mesmo Caderno de Encargos acrescentava existir "a maior vantagem em utilizar em Lisboa e para núcleo de um futuro palácio de festas a instalação a que se refere o presente concurso, tal hipótese deve ser considerada pelos concorrentes" (ME/AH/BMOPTC, Commissariado Geral do Governo da Exposição Internacional do Rio de Janeiro 1921, art. 2.º, p. 1). Os participantes deveriam instruir o processo incluído as peças desenhadas (alçados, plantas e cortes), acompanhadas de memória descritiva e de estimativa de custo da construção. Os autores do projecto seleccionados para o Pavilhão das Indústrias, arquitectos Carlos Andrade, Guilherme Andrade e Alfredo de Assunção dos Santos, foram co-adjuvados pelos engenheiros Malheiro Reymão e Ricardo Severo no Rio de Janeiro. A 9 de Agosto de 1922 iniciou-se, no Rio de Janeiro, a montagem de "toda a estrutura metálica abrangendo uma área de 4.200 metros quadrados" - todo o Pavilhão - que havia sido integralmente construído "nas oficinas das importantes empresas metalúrgicas portuguesas" (Guia Oficial Exposição Internacional Rio de Janeiro em 1922, p. 133). Os arquitectos Carlos Andrade, Guilherme Andrade e Alfredo de Assunção Santos – autores dos projectos – não acompanharam a obra, pois a organização da participação portuguesa considerou que a sua deslocação ao Rio de Janeiro representaria custos desnecessários. A construção do pavilhão, no Rio de Janeiro, contou com Ricardo Severo como engenheiro responsável (Lima, 1924, p. 45). Segundo a correspondência do Comissário Geral do Governo na Exposição do Rio de Janeiro, existente no Arquivo das Obras Públicas, foram feitas correcções ao projecto primitivo, ao longo de toda a construção do Pavilhão, visando "evitar na sua quasi totalidade manifestos defeitos do projecto, não só defeitos técnicos e de estabilidade mas mesmo

defeito estético" (ME/AH/BMOPTC, Commissariado Geral do Governo da Exposição Internacional do Rio de Janeiro, 1922, Carta a Exm.º. Sr.º. Adães Bermudes doc. 515).

As mais relevantes alterações ao projecto incluíram: (1) a adequação das fundações às características do terreno; (2) o reforço estrutural do pavilhão, preparando-o para maiores cargas de uso; e (3) a implementação de dois pisos no volume onde, em projecto, existia um só (ME/AH/BMOPTC, Comissário Geral do Governo da Exposição Internacional do Rio de Janeiro, 1922, Carta a Exm.º. Sr.º. Adães Bermudes, doc. 515).

4a. Estado de montagem em 21 de Setembro, 1922. Direcção das obras a cargo do engenheiro Malheiro-Reymão. (Lima, 1924, 1ª Estampa)

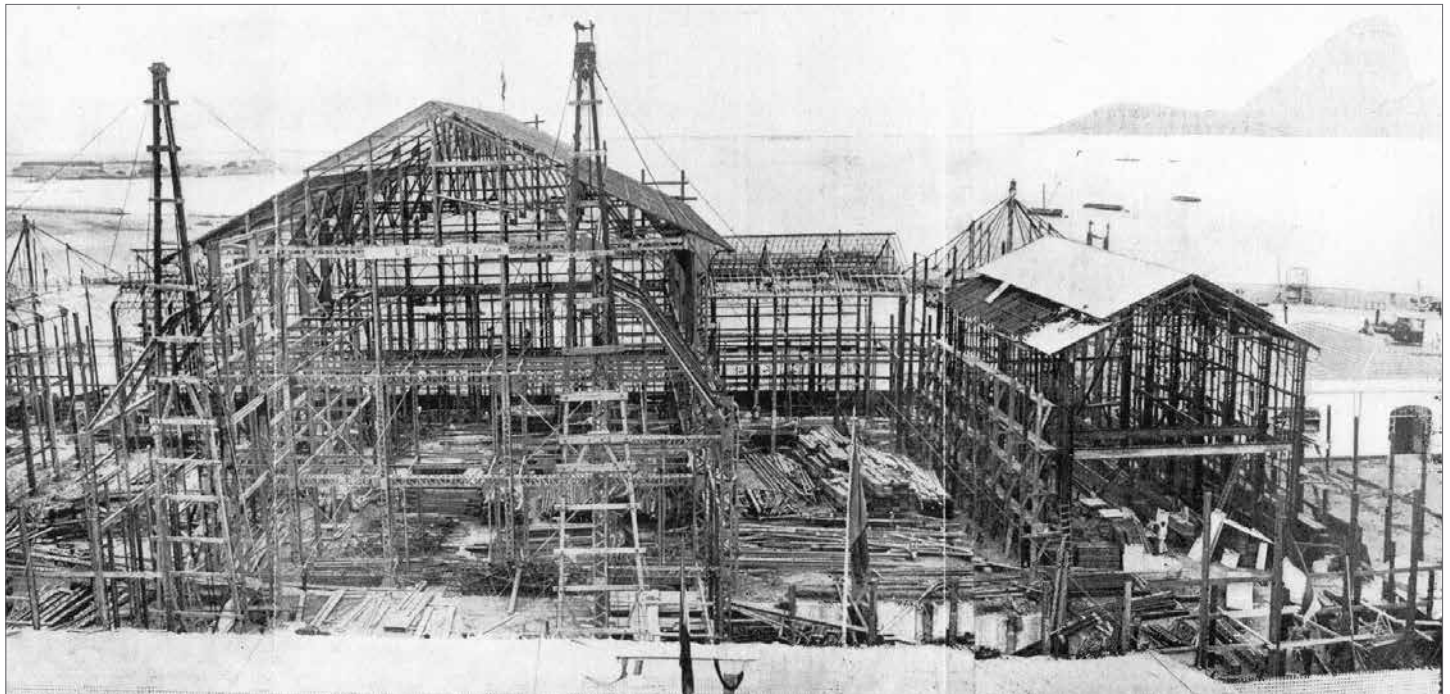
4b. Aspecto do Pavilhão durante a montagem. Direcção das obras a cargo do Comissário Geral, Alfredo Lisboa de Lima. (Lima, 1924, 3ª Estampa)



Todos os pavilhões que se situassem na Avenida das Nações - a avenida principal - teriam de ostentar a monumentalidade palaciana imposta pelo governo brasileiro (Lima 1924, p.130). Este facto justifica "que o pavilhão das Indústrias tivesse a aparência do palácio, sem o que não seria admitida a sua construção na Avenida das Nações, entre os palácios da Exposição ali construídos" (Lima, 1924, p.86). O exterior do edifício, de estilo eclético, teve como objectivo criar impacto: "ao centro da artéria maravilhosa, lá se erguia soberbo, majestoso e lindo, sumptuoso e característico pavilhão, em puro estylo barroco, engalanado com mestria e arte" (Cap. *Na Pátria* in Lima, 1924, p. XXXVIII). O pavilhão foi composto por doze corpos simples e geométricos, por duas alas, uma direita e outra esquerda - onde se situava um animatógrafo. Foram colocados quatro torreões, um em cada canto do pavilhão. No interior do edifício, o corpo central destacava-se como espaço amplo e permitia acesso ao vestíbulo dos pavilhões: "Entrar no vestíbulo do Pavilhão das Indústrias Portuguezas é o

mesmo que iniciar uma das mais bellas viagens que se pôdem dar aos nossos olhos. A graça e a beleza dos painéis de azulejo enternecem os portuguezes e commovem os brasileiros; mas seguir rapidamente os salões, salas e galerias é caminhar de surpresa em surpresa" (*Jornal do Comércio* in Lima, 1924, p. XLI). O edifício era composto por dois andares divididos por galerias. Tendo sido suprimidos os arcos das galerias do segundo andar do hall central (Lima, 1924, p. 7) e abertos novos espaços, o pavilhão foi descrito como "amplo, de proporções verdadeiramente magestosas, (...) sem favor, um dos mais bellos do recinto da Exposição" (*Gazeta de Notícias* in Lima, 1924, p. XXXIX). A imprensa periódica deu particular destaque ao pavilhão português, chegando a referir-se que "o palácio grandioso da nação-patria e, ao mesmo tempo, da pátria irmã, ostentava-se em toda a austeridade das suas ogivas e columnas, patenteando o esplendor da arte portugueza, o gosto aprimorado dos seus architectos" (*Jornal do Brazil* in Lima, 1924, p. XXXIX).

4c. Estado de montagem em 30 de Outubro de 1922. (Lima, 1924, 2ª Estampa)



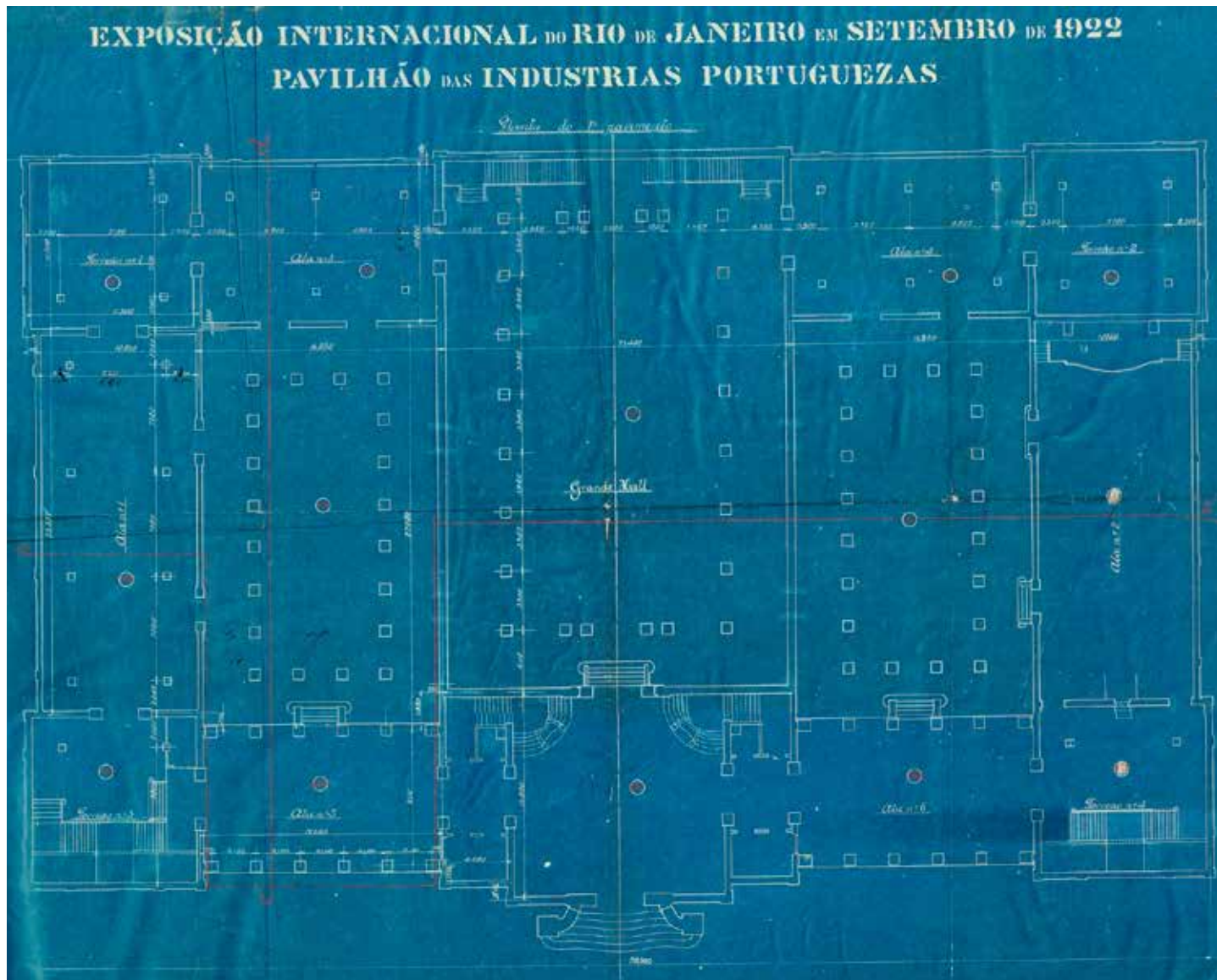
2

RECONSTRUÇÃO DO PAVILHÃO EM LISBOA, EM 1932

Uma vez encerrada a exposição, em Março de 1923, o pavilhão que havia representado Portugal no Rio de Janeiro foi desmontado e transportado de regresso a Portugal. Quase uma década depois, a 3 de Outubro de 1932, foi inaugurado, no Parque Eduardo VII, o Palácio das

Exposições e Festas – construído com diversos elementos estruturais (não discriminados na documentação consultada) bem como outros materiais reutilizados, provenientes do Pavilhão do Rio de Janeiro. O projecto inicial foi bastante alterado, o que foi prontamente evidenciado: "muito embora pareça lembrar nas linhas gerais o que ergueram no Rio de Janeiro A. Santos e Rebelo de

5. Planta do 1º Pavimento do Pavilhão das Indústrias Portuguezas, 1922.
(AML - NAC)



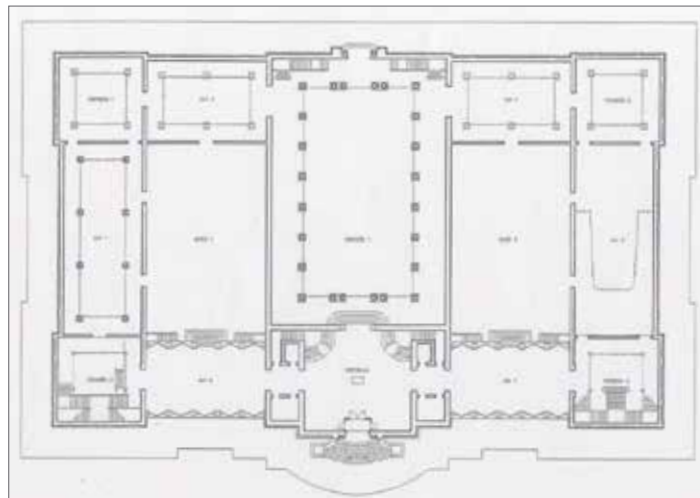
Andrade, dêle difere em todos os seus motivos arquitectónicos pelas modificações camarariamente introduzidas no risco dos architectos Rebelo de Andrade" (Costa Lima, 1932, p. 266).

O edifício exhibe-se com a fachada nascente para a Av. António Augusto de Aguiar, sendo caracterizado pelo estilo quinto-joanino: "o palácio daquela grande feira tem grandiosidade e carácter, dando-nos um D. João V modernizado nas proporções monumentais ou, com outros pretendem, um barroco peninsular" (Costa Lima, 1932, p. 267).

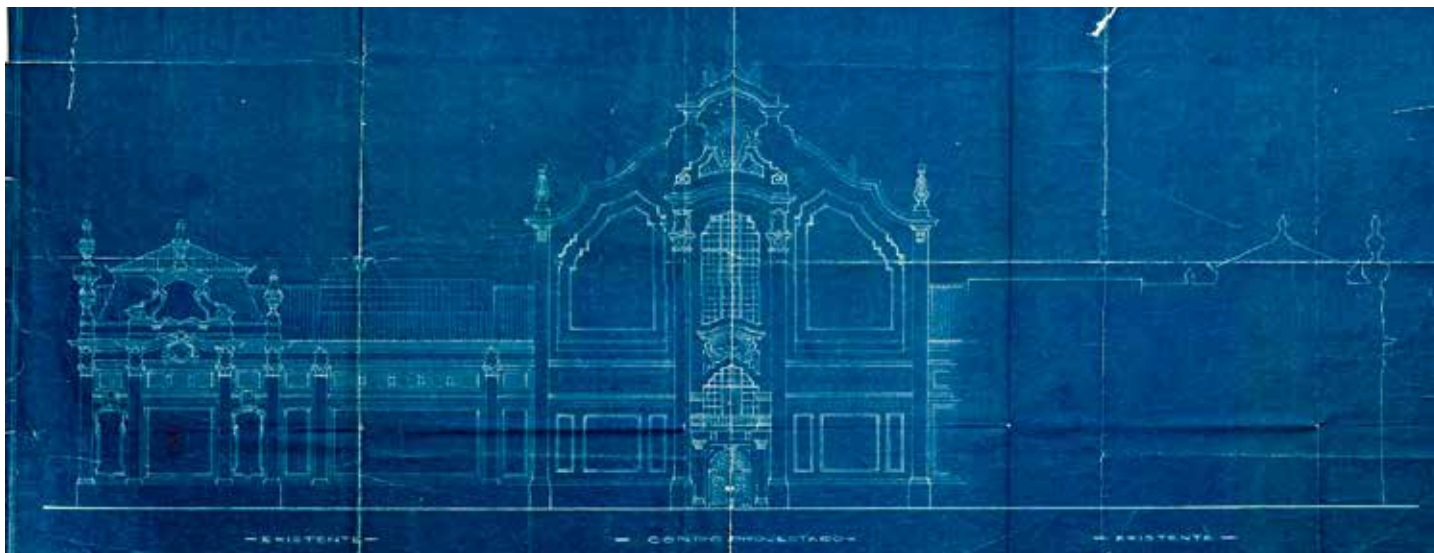
O jornal *O Século* evidenciava, em 1932, que "na ossatura do pavilhão, que figurou na Exposição do Rio de Janeiro, ergue-se um soberbo edifício, de estilo nacional, vasto e bem iluminado, com acomodações para o fim a que se destina. Tem grandeza, severidade, e linhas perfeitas de boa arquitectura" (*Jornal O Século*, 4 Outubro 1932, p. 1). A simetria e a verticalidade estão presentes no corpo central da entrada, como também nos lados, incluindo os torreões. A fachada permaneceu praticamente inalterada, muito embora as inúmeras alterações implementadas no resto do edifício. A fachada principal é valorizada por uma nave central de dois pisos, enquanto no interior, a entrada, ostenta vestíbulo de duplo pé direito. É possível aceder-se aos torreões através de um corredor de colunas que dá acesso às naves laterais.

O pavilhão do Parque Eduardo VII foi ornado com madeiras exóticas (Macacaúba do Brasil) e com os originais painéis de azulejo, da autoria de Jorge Colaço e produzidos na Fábrica de Sacavém, " que na fachada, numa partitura magistral, nos cantam, em sonho azul, feitos heróicos e cavaleiresco da Raça" (Costa Lima, 1932, p. 267). No interior foram ainda aplicados painéis azulejares da autoria de José António Jorge

6a. Planta do Pavilhão de Exposições e Festas, em 1932, no Parque Eduardo VII, em Lisboa. (CML) Grupo de Trabalho para Reabilitação e Modernização do Pavilhão Carlos Lopes. Direcção Municipal de Projectos e Obras.



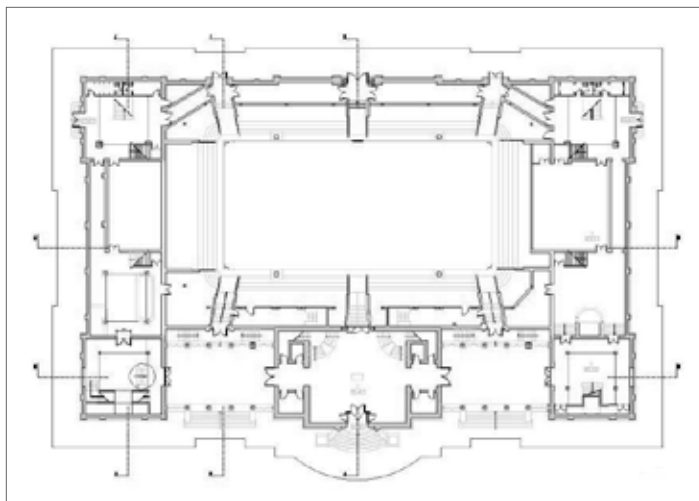
6b. Alçado principal do "Pavilhão em execução no Parque Eduardo VII", 1932. (AML - NAC)



Pinto, produzidos na Fábrica de Sant'Ana, com alegorias de cenas como a pesca, a lavoura, ou a olaria; e, ainda, outros painéis dos artistas Gilberto Renda e Leopoldo Battistini. Foi empregue a técnica dos fingidos - marmoreados - gerando "falsos mármore de escaiolina que se estadeiam no hall, numa policromia de mentira irritante, não nos seduzem o espírito e deslizam da beleza real dos verdadeiros materiais ali expostos" (Costa Lima, 1932, p.267). Foram várias as críticas na imprensa e não só. Costa Lima expõe o seu ponto de vista, afirmando que "aquela obra de cimento armado exigia que à sua verdade técnica se lhe juntasse a realidade do material construtivo, que hoje em toda a obra de arte se requiere, banindo-se todos os fingimentos scenográficos. E, tendo nós em exuberância os belíssimos mármore de Sintra, Borba, Arrábida e Vila Viçosa, não faz sentido aquela pobreza de imitação" (Costa Lima, 1932, p. 267). Depois da celebrada mas também contestada (re) construção de 1932, em 1935 foram colocadas, no exterior do edifício, ladeando a entrada principal, duas esculturas de Raul Xavier, representando a Arte e a Ciência.

151

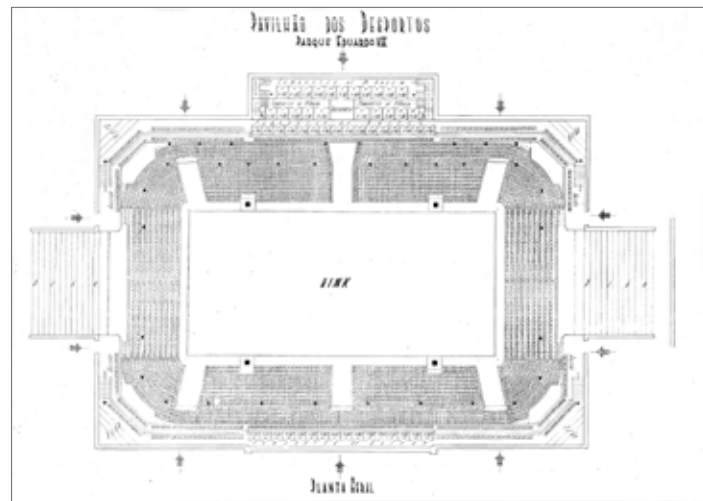
7a. Planta do piso 0 do Pavilhão dos Desportos, 2010 (Levantamento CML) Grupo de Trabalho para Reabilitação e Modernização do Pavilhão Carlos Lopes. Direcção Municipal de Projectos e Obras.



3 **CONVERSÕES E USOS, DE 1947 A 2003**

Em 1947 o pavilhão passou a ser designado Pavilhão dos Desportos, abandonando a designação anterior – Palácio das Exposições e Festas. Foi, então, adaptado para fins desportivos, sofrendo profundas alterações para receber o Campeonato do Mundo de Hóquei em Patins. Este programa de adaptação foi acompanhado pelos irmãos Rebelo de Andrade e pelo engenheiro Manuel Travassos Valdez. Em 1946, embora mantendo a identidade da fachada, foram colocadas escadarias nas laterais da fachada principal, rebaixaram-se os pisos na zona central, adaptaram-se os dois jardins interiores - convertendo-o em recinto de jogos - e adulteraram-se as coberturas. Nessa ocasião, "os pátios internos foram cobertos e passaram a existir as actuais bancadas de madeira; o piso central foi feito de novo com os tacos de madeira". (*A Capital*, 26 de Maio de 1997). O edifício, de três pisos acima do solo, desenvolvia-se, então, em: piso -1 - balneários e instalações sanitárias; piso 0 - duplo pé direito no vestíbulo, bancadas corridas de madeira, recinto de jogo; piso 1 - acessos aos pisos superiores e galerias; piso 2 - galerias do pavilhão; e piso 3 - Salão Nobre. Depois do Pavilhão dos Desportos ter recebido inúmeras competições desportivas, em 1984, assumiu a designação Pavilhão Carlos Lopes.

7b. Pavilhão dos Desportos: Parque Eduardo VII: planta geral. (CML-GEO)



Esta iniciativa da Assembleia Municipal, em 27 de Agosto desse ano, homenageou o atleta Carlos Lopes que, pela primeira vez, “na história do desporto português, conquistou uma medalha de ouro olímpica na Maratona de Los Angeles” (*Jornal de Notícias*, 12 de Janeiro de 2001). O Pavilhão foi, depois, palco de diversos eventos, tendo “servido para exposições, desporto em várias modalidades, política em diversos tons, congressos, música, exibições folclóricas, marchas populares” (*A Capital* 26 Julho de 1997). Desportos como hóquei, vólei, basquete, futebol de salão, espectáculos de luta livre, boxe e ginástica estiveram presentes no Pavilhão. Também ali estiveram instalados departamentos camarários, nos torreões do edifício, tais como: os Serviços de Desporto e Turismo, o Gabinete de Comunicação Social da Câmara Municipal, a EMEL e o Gabinete Técnico de Adaptação e Valorização do Pavilhão Carlos Lopes.

4

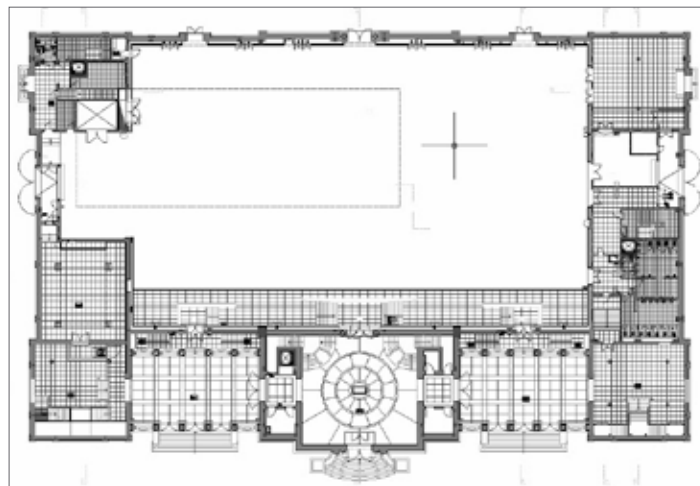
O SÉCULO XXI. REMODELAÇÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Pavilhão Carlos Lopes foi encerrado em 2003, por se encontrar com deficiências estruturais, detectadas pelo LNEC, e diversas anomalias não estruturais. O edifício foi-se degradando ainda mais, estando sem uso por vários anos. Vários foram os projectos de reabilitação para este imóvel. Em 2015, a Câmara Municipal de Lisboa cedeu o direito de exploração à Associação de Turismo de Lisboa, por um período de 50 anos, segundo a deliberação 244/AML/2015 em Assembleia Municipal. O projecto de remodelação do Pavilhão Carlos Lopes foi iniciado em 2016 e terminou no início do ano seguinte comemorando, assim, o 70º aniversário do maratonista que homenageia. O edifício manteve a configuração exterior, tendo sido reabilitada a fachada do volume frontal e restauradas esculturas, azulejos e outros elementos decorativos. No interior, foram intervencionadas duas grandes áreas do edifício: o corpo frontal foi reabilitado e adaptado a novas valências, enquanto o antigo espaço de jogo foi demolido e reconstruído – desta vez sem bancada para um espaço aberto de modo a ser mais polivalente. O Pavilhão tem, agora, o desenvolvimento programático: piso -1 - áreas técnicas de armazenagem, instalações sanitárias; depósito de água para ataque de incêndios, corredores de

evacuação, arrecadações e sub-palco; piso 0 - áreas públicas, átrio principal, 2 foyers laterais dando acesso aos torreões, o átrio Sul contém um espaço de exposição com o espólio do desportista Carlos Lopes, instalações sanitárias a norte e a sul do pavilhão, uma sala de eventos, zona de serviços, uma copa de apoio à sala, áreas técnicas e elevadores de acesso para ao Salão Nobre; piso 1 - zonas técnicas e de apoio aos eventos, acessos verticais, instalações sanitárias; piso 2 - zonas técnicas, áreas de funcionários, acessos verticais, o átrio Sul contém um espaço de exposição com o espólio do desportista Carlos Lopes, galerias, arrecadações, balneários e instalações sanitárias; piso 3 - Salão Nobre e acessos verticais a este piso. As coberturas foram renovadas, revestidas a telha cerâmica e isoladas aos níveis térmico e acústico. Quanto aos acessos, foi projectado um novo vão, no lado Sul do edifício, para dar resposta às acessibilidades e à circulação de pessoas com mobilidade reduzida. Foram colocados elevadores entre andares e plataformas elevatórias para dar acessibilidade a pessoas com mobilidade condicionada. O projecto de remodelação do Pavilhão Carlos Lopes foi da autoria do Arquitecto Bruno Soares, tendo o edifício sido reaberto à fruição pública em Fevereiro de 2017. É a devolução à cidade de Lisboa de um singular elemento do seu património cultural construído.

152

8. Planta do piso 0 do Pavilhão Carlos Lopes após as obras de remodelação, 2017 (cedida por arq. Bruno Soares)



Fontes e bibliografia

A Exposição Industrial Portuguesa foi ontem, inaugurada pelo sr. Presidente da Republica, assistindo o Govêrno e delegados dos organismos económicos. (4 de Outubro de 1932). *Jornal O Século*. Lisboa.

Assembleia Municipal de Lisboa, Abril 2015, Associação de Turismo de Lisboa: *Recuperação e remodelação do Pavilhão Carlos Lopes: programa preliminar* [http://www.am-lisboa.pt/documentos/1437072884K5oFX0dq5Xw37GZ3.pdf].

Assembleia Municipal de Lisboa, Junho 2015, Associação de Turismo de Lisboa: *Recuperação e remodelação do Pavilhão Carlos Lopes* [http://www.am-lisboa.pt/documentos/1436444349E7zBM7hv9Ey37LB4.pdf].

Assembleia Municipal de Lisboa, Maio 2015, Associação de Turismo de Lisboa: *Projecto de recuperação e remodelação do Pavilhão Carlos Lopes*. [http://www.am-lisboa.pt/documentos/1436439869I0kNE0me1Jr74QJ4.pdf].

Base contratos Públicos Online, 7 de Março de 2016, empreitadas de obras públicas: *Contrato Empreitada Obra Pavilhão Carlos Lopes*. <http://www.base.gov.pt/Base/pt/Pesquisa/Contrato?a=2058618>

Carvalho, A. (22 de Outubro de 1994). Pavilhão Carlos Lopes precisa de novo visual no seu interior. *Record*. Lisboa.

Cerejo, J.A. (29 de Maio de 2003). Pavilhão Carlos Lopes vai encerrar: Insegurança motiva decisão. *Público*. Lisboa.

Coelho, S. (1 de Março de 2001). Pavilhão Carlos Lopes vai sofrer obras de remodelação «cirúrgicas»: Três anos fechado. *A Bola*. Lisboa.

Cruz, H. (Julho de 2002). *Avaliação do estado de conservação dos elementos de madeira do Pavilhão Carlos Lopes*, LNEC – Obra 033/551/413.

Fonseca, A. (12 de Janeiro de 2001). Pavilhão Carlos Lopes vai fechar para obras: Projecto de revalorização e adaptação do equipamento lisboeta destina-se a aumentar a área desportiva e criar novas valências. *Jornal de Notícias*. Lisboa.

Graça, C. F. (2013). *O Pavilhão Carlos Lopes - Dissertação de Mestrado*: Lisboa.

Guia Oficial da Exposição Internacional do Rio de

Janeiro em 1922. Rio de Janeiro: Bureau Oficial de Informações do Palácio Monroe, 1922.

JRS (SYP/AYMN) // ROC// LUSA) Assembleia Municipal de Lisboa, 24 de Fevereiro de 2015. *Assembleia Municipal apela à recuperação do Pavilhão Carlos Lopes* [http://www.am-lisboa.pt/101000/1/002118,022015/index.htm].

Lima, A. A. L. (1924). *A Verdade Sobre o Comissariado Geral na Exposição do Rio de Janeiro*. Lisboa: Tipografia Adolpho de Mendonça.

Mariano, F. *Jornal de Noticias* (27 de Outubro de 1998). *Pavilhão Carlos Lopes vai ser requalificado: A “catedral” lisboeta do desporto será a sede do Observatório Desportivo e do futuro centro das Associações da Cidade*. Lisboa

ME/AH/BMOPTC, Carta para Exmº. Sr. Adães Bermudes do Comissariado Geral do Governo da Exposição Internacional do Rio de Janeiro. (1922). *Envio do caderno de encargos dos pavilhões, alterações ao projecto primitivo* (esquiços).

ME/AH/BMOPTC, Comissariado Geral do Governo da Exposição Internacional do Rio de Janeiro. (Dezembro de 1921). *Concurso para o pavilhão ou pavilhões para a representação do trabalho nacional: Caderno de Encargos*.

Moreira, M. *Capital* (29 de Maio de 2003). *Pavilhão Carlos Lopes encerrado devido a falta de segurança*. Lisboa

Paula Ribeiro, 31 de Julho de 2015, OP 2015 – Proposta 288 – *recuperação e requalificação do Pavilhão Carlos Lopes*. [Http://www.lisboaparticipa.pt/op/propostas/570fa449f41ec1c4356c0ccb]

Silva, A. S. (Outubro de 2002). *Pavilhão Carlos Lopes: Avaliação das condições de conservação e de segurança dos torreões e balaustradas*, p.7. LNEC – processo 032/01/1471~

Sottomayor, A. (24 de Janeiro de 2005). O Poço da Cidade: As mil ocupações de um pavilhão (agora) doente. *A Capital*, Lisboa.

Sottomayor, A. (26 de Maio de 1997). O Poço da Cidade: O pavilhão «multiusos». *A Capital*, Lisboa.